



MINISTÉRIO DA GUERRA
SECRETARIA DO MINISTÉRIO DA GUERRA

27 DE NOVEMBRO

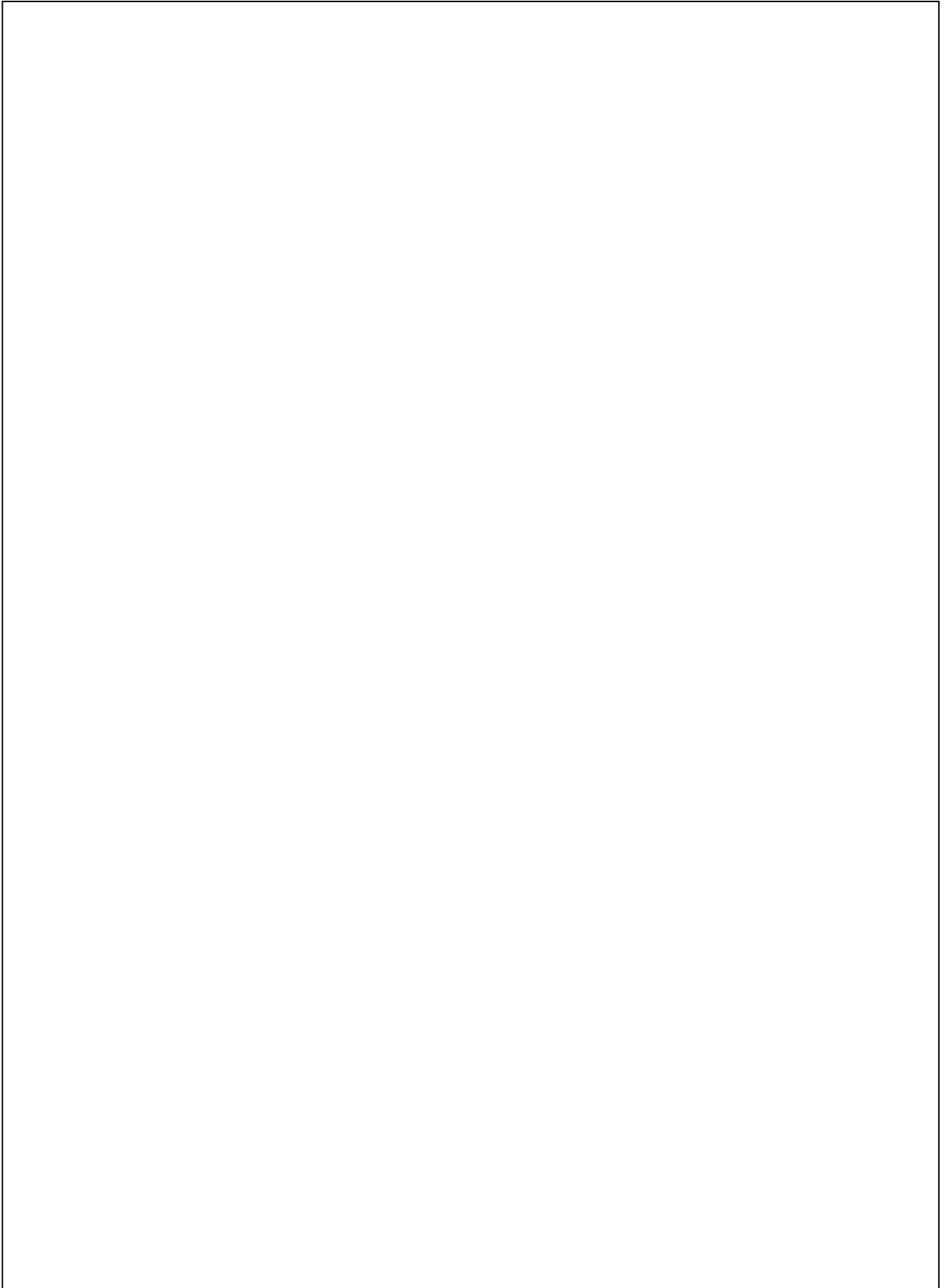
HOMENAGEM AOS MILITARES MORTOS NA
INTENTONA COMUNISTA DE 1935

Oração proferida pelo Vice-Almirante Waldemar de Figueiredo Costa,
em nome das Fôrças Armadas, junto ao túmulo dos militares
sacrificados no cumprimento do dever.

(SEPARATA AO BE N° 50, DE 10-12-60)



SMG
IMPrensa DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro - 1960



Em torno dos berços, como diante dos túmulos, o espírito se defronta com a indagação e com o mistério.

Nos albores da vida, juntamente com a rutilância dos votos que procuram ampará-la a incerteza dos fados que, de fato, irão conduzi-la. Juntamente com augúrios que encerram prognósticos de felicidade, o mistério do futuro, indefinível e inescrutável. À alegria do despertar mistura-se a insegurança da caminhada. Às galas do alvorecer, o temos dos poentes agitados.

A morte confirma ou destrói vaticínios e constitui ato final de um episódio precursor da longa e definitiva caminhada através da eternidade.

Diante do túmulo, evoca-se o passado, recorda-se a existência que termina e deposita-se, não raro, com a ternura de uma saudade, o preto de reconhecimento e a prestação de um testemunho.

O espírito então se aquieta, as interrogações se dissipam e à incerteza do início, inseguro quanto aos fados, sucede a profunda e a calma meditação em torno dos exemplos.

É com tal atitude de espírito que defrontamos os despojos dos que este túmulo encerra: para prestar-lhes a homenagem de nosso reconhecimento, testemunhar-lhes o aprêço pelos ideais em cuja defesa sucumbiram e meditarmos sobre os exemplos que tão bravamente nos legaram com o supremo sacrifício a que, com denôdo, se impuseram.

E por que morreram estes homens? Por que existências, assim tão preciosas, foram, de súbito, cortadas? Que razões havia para o sacrifício? Que designios presidiram o episódio sangrento que os levou ao túmulo? Que motivos inspiraram a luta fratricida que abriu tantos sepulcros?

O País inteiro conhece a ocorrência dos idos de 35, em que a disciplina venceu a sedição e a violência pela bravura foi contida. Em que o dever suplantou a revolta e o heroísmo salvou a Nação.

Violência e liberdade jamais se toleraram e, em razão dessa intolerância, estes homens sucumbiram. Reagiram com firmeza, lutaram com denôdo, pereceram com honra.

A violência foi contida, a liberdade preservada e, por isso mesmo, hoje podemos exaltá-la. Liberdade sem constrangimentos, sem disfarces, sem eufemismos; sem os sentidos dúbios que a disvirtuam e os abusos insuportáveis que a comprometem. Sem as falsas seduções dos desregramentos, mas com as altas inspirações da consciência e as justas limitações da norma legal.

Liberdade que consagra o direito e não sanciona o abuso; que preza a justiça e repele a coação; que permite a independência e não exclui a disciplina; que vive sob a Lei e fora da Lei se torna tirania. Que admite divergências, permite o debâte, enseja a controvérsia.

Sem ela, conspurcam-se consciências, abastardam-se personalidades e se asfixiam todos os direitos.

Liberdade, em suma, fundamento da democracia; dessa democracia a que tantos dizem pezar mas que, em realidade, nem todos respeitam. A que tantos aparentemente, se filiam, não para praticá-la como sistema mas para utilizá-la como instrumento de despóticos desígnios.

De que muitos se servem invocando-lhe as franquias mas desrespeitando-lhe os princípios. Em cujos postulados quantos se acobertam, não para se resguardarem de abusos porventura praticados senão para se permitirem os achincalhes com que visam destruí-la.

Democracia contra a qual comumente se fala, apontando-lhe defeitos, não para corrigi-los – o que seria razoável – mas para agravá-los, o que é criminoso.

Os povos, como os indivíduos, escolhem seus rumos na luta e no sacrifício e os mantêm, quando escolhidos, pelo esforço constante e vigilância permanente.

Os que se decidem pela democracia precisam manter redobradas cautelas, seja para depurá-la dos defeitos de uma prática imperfeita, seja para resguardá-la dos falsos partidários do seu sistema.

Na luta de todos os dias pelo aprimoramento e pela defesa, muitos óbices surgem, inúmeros tropeços aparecem a demandarem enérgico combate. De um lado o desânimo, quando não o desencanto, pelo que se afigura vício intrínseco do regime, mas, na realidade, são apenas falhas corrigíveis na prática difícil de uma forma superior de convivência. De outro lado os ataques insidiosos e sub-reptícios de traiçoeiros inimigos que sob múltiplos disfarces iludem e despistam, enganam e confundem, simulam e ferem. A solércia da infiltração –, em que são mestres os comunistas – numa espreita constante de todos os ensejos, aproveita as dificuldades, quando não as cria ou fomenta, serve-se dos descontentamentos, quando não os estimula ou suscita e sem procurar soluções justas, que não convêm a seus desígnios ocultos, proclama solidariedade aos que sofrem, não pelo empenho de lhes minorar as angústias senão pelo desejo de alimentar crises, gerar novos conflitos, reacender lutas, renovar padecimentos. E como os povos menos desenvolvidos são justamente aqueles que maiores tropeços encontram na convivência democrática, situam-se, por isso mesmo, na mira dos pseudo-paladinos do regime que bem sabem o quanto é fácil alimentar a insatisfação, exacerbar a miséria e explorar o desencanto. Não lhes falta, mesmo, para o cumprimento de seus desígnios desagradáveis, a solidariedade de homens de boa fé que sem se darem conta do lôgro em que caem e do perigo a que se expõem, prestam-se, docilmente, às manobras insidiosas e tornam-se, não raro, as primeiras vítimas da traição a que, sem o saber, se prestaram.

Porque se recusaram a aceitar o engodo, porque não permitiram que a arremetida comunista violentasse a nossa índole, porque se obstinaram no exato cumprimento de seus deveres é que hoje repousam neste tûmulo, os heróis que ora reverenciamos. Porque sentiram, em tûda a plenitude, a enormidade do agravo que se lançava contra a Pátria e porque, por isso mesmo, não hesitaram um só momento em levar a sua repulsa até o sacrifício.

Há, na magnitude de tais gestos, além da grandeza dos lances heróicos a elevada consciência dos grandes momentos. A percepção do perigo, a antevisão da catástrofe, não as adquirem, todos, claramente, nem a tais contingências enfrentam, com a mesma decisão, todos os homens. Avulta, por isso, o sacrifício dêstes bravos num momento realmente grave da vida nacional. O dever a que se impuseram e que com tanta elevação cumpriram, norteou-lhes o procedimento, inspirou-lhes a bravura. E a conduta heróica, com que se imortalizaram, derivou, fora de dúvida, da noção clara de obrigações solenemente assumidas além de constante e retamente respeitadas.

O dever, quando praticado com a seriedade que merece, comunica aos que o prezam e respeitam renovadas energias para esforços redobrados. Na simplicidade do quotidiano como na transcendência dos grandes episódios manifesta-se tûda a sua fôrça propulsora, indicando altitudes, disciplinando gestos, suscitando procedimentos. Seja sob solicitações da moral, ou da disciplina, o dever avulta em todos os instantes como inspiração normativa de retidão e coerência. De sua prática constante, do apêgo permanente aos seus apelos, aprimora-se o caráter dos homens e forja-se, com êles, a grandeza dos povos. Sob sua inspiração surgem os heróis e, em plena fôrça, esta bravura serena e magnífica dos que não faltam, não desanimam, não se rendem e jamais desesperam.

Tais atributos - importa acentuá-lo - não avultam, no turbilhão dos grandes lances, mas também no labor de todos os dias em que a constância na exação nobilita o esforço anônimo, engrandece as pequenas tarefas e estas, tocadas pelo mesmo sincero e profundo desejo de servir, refulgem na obra comum e se afirma na grandeza geral.

Não lhes falta - aos que aos seus deveres atendem com empenho - a noção perfeita das obrigações a cumprir. Não agem, apenas, sob o temor das sanções ou ao acicate da vigilância. Têm o dever como atributo engastado no caráter e carregam, dentro de si, energia suficiente ao impulso orientador que prescinde dos estímulos externos.

Não lhes seduz o aplauso, a recompensa e o reconhecimento, nem sempre, com justiça, concedidos e até mesmo, não raro, injustamente denegados. Conhecem a falibilidade dos julgamentos bastando-lhes, por isso, a satisfação íntima de agir em consonância com os apelos de uma consciência bem formada.

Não condicionam a observância do seu ao cumprimento dos deveres alheios, não porque a êstes julguem desnecessários na obra comum mas porque acreditam na responsabilidade que tem, cada qual, consigo mesmo, e no valor do exemplo.

Impregnam os seus deveres de renúncia e os não sujeitam ao domínio perigoso das paixões nem os subordinam aos próprios interesses.

Não foi, por simples acaso que êste tûmulo se abriu. A fibra, o destemor e o dever bem compreendido nêle estão encerrados.

O episódio que vitimou tantos bravos constitui um dos muitos aspectos de uma luta que ainda prossegue, entre os que em nome da justiça suprimem a liberdade e os que da liberdade fazem, justamente, o meio mais eficaz de implantar a justiça; entre o direito de divergir e a faculdade de, apenas, aceitar; entre o engôdo do sofisma materialista e o primado espírito com o consôlo da fé religiosa.

Num mundo que se debate entre desacertos e perspectivas catastróficas, multiplicam-se as contradições: entre os desejos de paz e as ameaças de guerra; entre a consciência do perigo e as dificuldades de evitá-lo; entre a justiça internacional, de que tanto se fala, e o predomínio da força, de que tanto se abusa.

Há, portanto, muito que exaltar na atitude dêstes bravos: o sacrificio a que se impuseram, o exemplo que legaram, e, sobretudo, a fidelidade que não perderam às tradições da Pátria a que tanto serviram. Tradições que se formaram à sombra da Cruz, cresceram sob as inspirações do Cristianismo e hoje vicejam ao influxo da mesma fé e de uma robustecida consciência democrática. Que não se compõem de soberba ou jactâncias mas se afirmam com dignidade e altivez. Que não incluem propósitos expansionistas mas não toleram intromissões de qualquer espécie.

Cumpre-nos defendê-las e preservá-las e não permitir que falsas e espúrias doutrinas as destruam. Na sua manutenção está a nossa força; na traiçoeira ilusão renovadora o germe de nosso pericimto.

Os defeitos que possuímos, os erros e imperfeições que indiscutivelmente temos, não residem no sistema de vida que adotamos senão na maneira por que cumprimos os seus postulados.

Se tivermos a coragem de reconhecê-lo; se não ignorarmos as reais dificuldades a enfrentar; se sobretudo, nos dedicarmos com humildade, porém com firmeza, à tarefa de remoção de tais deficiências, razões não haverá para descrermos nos resultados que almejamos.

Esta a lição dêste tûmulo: fidelidade e firmeza, coragem e confiança.

Por que morreram então êstes homens? Repitamos a pergunta.

Porque repeliram a violência por amor à liberdade. Porque à imposição de doutrinas exóticas resistiram com a flama de um sadio patriotismo. Porque à sedução de concepções materialistas opuseram a resistência de nossas melhores tradições cristãs. Porque preferiram, ao destino de caudatários, a altivez da independência; à acomodação sem luta, a bravura da repulsa, e, ao apróbro de oprimidos, a sobrançeria de homens livres.

A luta que os levou ao túmulo é tremenda e feroz; feroz e multiforme. Defrontam-se concepções que se repelem porque entre elas existe diferença filosófica fundamental em relação ao homem e ao seu destino. Luta que se desenvolve, ostensiva ou disfarçada, sub-reptícia ou agressiva, incruenta muitas vezes na aparência, mas, em realidade, vertendo em abundância, o sangue dos oprimidos e as lágrimas dos que perderam a liberdade não obstante intensamente se alardeie o propósito democrático de seus poderosos algozes. Luta insidiosa e traiçoeira e que, por isso mesmo, exige permanente e atenta vigilância. Que reclama combate seguro, pertinaz, insistente, em todos os setores, de várias maneiras e a todos os momentos.

No interior destes túmulos, não estão, apenas, os despojos de vidas preciosas que se imolaram no cumprimento do dever. Àqueles, o tempo inexorável vai, a pouco e pouco, consumindo. Algo mais existe, entretanto, que se incorporou ao acervo moral da Pátria e que a Pátria agradecida não esquece: a vida pura, a morte brava, o exemplo imperecível.

As razões que impuseram o sacrifício, ainda hoje estão presentes, aqui como alhures, provocando reações semelhantes de hombridade e coragem. O empenho prossegue, incessante, tenaz, refletindo as asperezas de uma luta que reclama renovadas energias e vigília permanente.

A gravidade da ameaça, êste túmulo o atesta; a energia na ação o seu exemplo nô-lo indica.

Aqui viemos para proclamá-lo. Para que se não presuma que o exemplo destes bravos se perdeu no esquecimento; para que se não suponha que lhes faltamos com o dever de nossa gratidão patriótica; para que se não duvide do testemunho de nosso aprêço comovido, e, sobretudo, para que se atente e veja, no sacrifício aceito por brasileiros tão dignos a firme e inabalável decisão nacional de não transigir com os sagrados direitos do homem, a honra e a dignidade das consciências.

